

Literatura

POESIA

GERAÇÕES Augusta Faro

Há muito dorme no peito dessas mulheres

A madrugada feita de sangue

- ave voadora-ferida

Despetalada, rama e asas.

Essas mulheres tristes

De olhos enormes como a lua plena

Viajando silenciosas e profundas

No rio calado das lembranças.

São essas mulheres amargas,

Sobre o ombro

Recolhem os castigos dos dias

Nesse tempo de insônia

- insalubre vinho e pão de agonia.

Suas mãos guardam primaveras tenras

Abertas em clave de sol

Numa música finda.

Cavalga ainda dentro do ouvido

A canção do filho morto

O embalo da ternura que desmaia

No amamento

E no leite farto.

Penso ainda

Nessas mulheres cegas de pranto

E sonho

- nós, todas as mulheres do mundo,

Lavando sempre nuvens brancas

E pondo-as no quarador calcinado

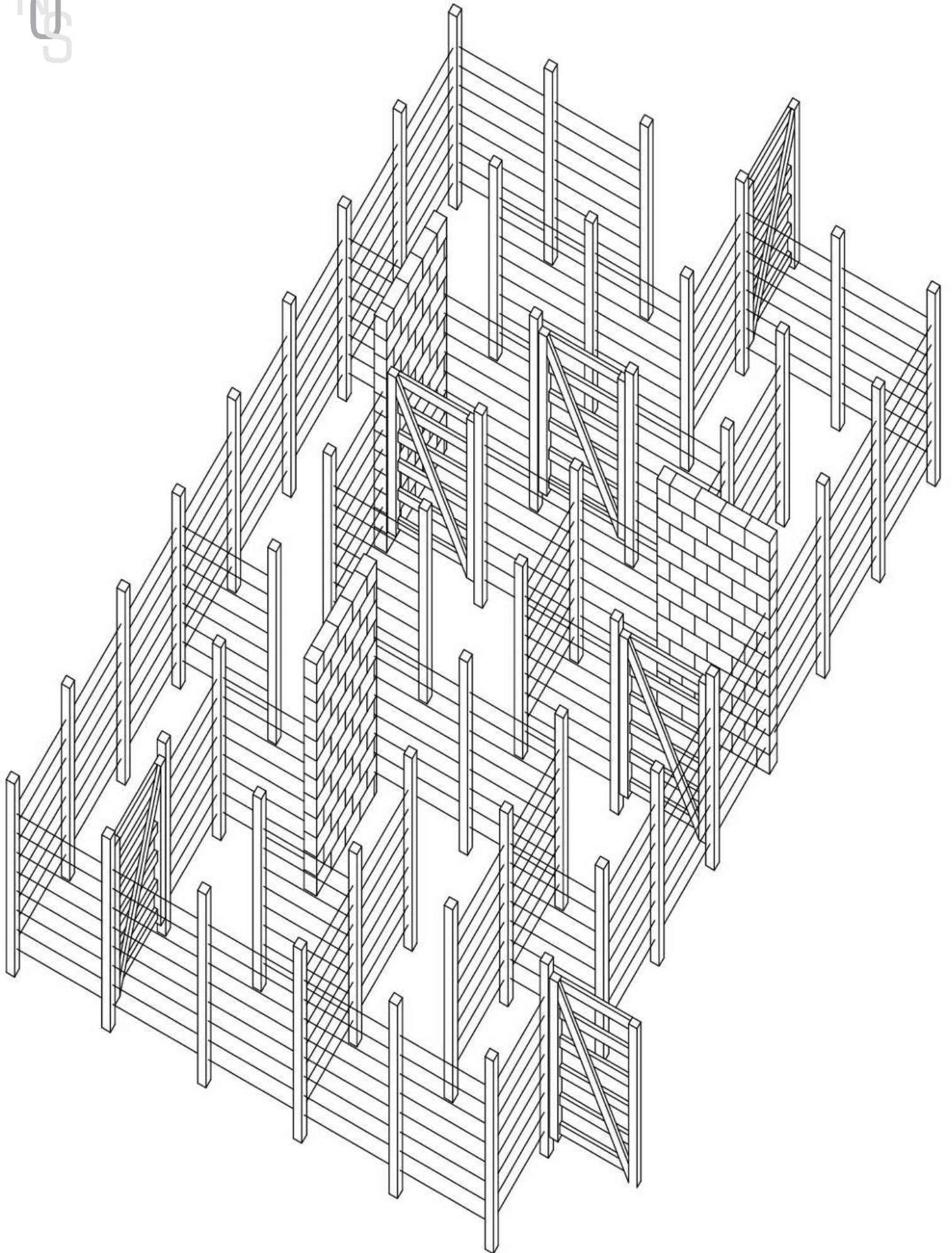
De esperanças.

Filhas da aurora, gerando flores e filhos,

Recolhem o corpo de cada dia,

Tecendo em horas caladas

O breve sonho humano.



Literatura

CONTO

A GAIVOTA

(1998)

Augusta Faro

Retenho as asas por vários dias. Atei-as com cordão, fio de arame e corda de plástico. Espantei nas beiradas, circulando as penas mais novas e fracas, tipo um cerzido por dentro e por fora, por cima e por baixo, para que os impulsos de vôo não as descolassem num ímpeto mais forte.

Foi difícil caminhar no começo com as asas presas e até para comer, fazia meu equilíbrio gangorrear. Ainda mais que acostumada, desde que nasci, com as duas asas enormes e folhudas foi-me difícil mantê-las cerzidas. Mas, não havia outra maneira de conter o vôo. Ao nascer do sol, o amanhecer luzindo e ao anoitecer, os impulsos de vôo eram poderosos e por pouco, com asas ou sem elas, eu voaria entre prados e estrelas, e nem sei se voltaria.

Achei melhor me resguardar de ver o nascer do sol, porque a visão do horizonte e as labaredas dele esquentaram meus pés e as asas já se armavam para um vôo sem rumo, tal o luzeiro que se abria em minhas entranhas. A cabeça ficava sempre aérea, desejava acompanhar a abóbada do céu e o circular do sol, feito um carregamento de lamparinas, fazendo um arco de ponta a ponta.

O entardecer também assustava minhas asas, desejando armá-las, às vezes, mesmo com o estômago vazio, o chamamento do vôo junto às primeiras estrelas (como se eu pudesse ajudá-las a se acenderem) me fazia esquecer que era hora de aquietar no ninho, cuidar dos filhotes, esquentá-los.

Por isso, virara meu rosto pra dentro em vez de ficar mirando as figuras desenhadas na lua, que se arrebetava de inchada, atrás daquelas montanhas inertes. Depois de muito pensar, resolvi amarrar minhas asas e não me arrependo, pelo menos por hora. Esses vôos precipitados, iluminados por tênues raios de luar, costumavam avariar os cálculos e demarcações de pouso e até o rasante. É sempre bastante arriscado voar sem astrolábio e não tenho nenhum. Minhas bússolas internas há muito perderam o prisma, não confio em suas diretrizes. Com a idade, percebo que minha visão enferrujou e, às vezes, vejo muito mais estrelas do que realmente estão piscando e penso, muitas vezes, que posso alcançá-las se intervalo, até que consigo descer ao solo fofo desse material luminoso do qual estão armazenadas e ficam tempos e tempos por cima da terra ou em baixo (depende de nossa posição no momento) e brilham tal qual purpurina. Por cautela disto tudo, decidi atar minhas asas de vez, não só por vários dias, como disse a pouco, pelo menos raciocino e penso que estou certa neste exato momento.

Pode até ser que daqui a cinco minutos resolva diferente e descosturo toda tessitura e acabo jogando fora os barbantes, e abro o diâmetro todo de ambas e plaino sem a menor noção de rumo. Pode ser, pode não ser. Neste momento estão seguras, amarradas, pois as alturas me chamam com insistência, as torres das catedrais me instigam como ferroadas e acabo nunca ficando onde deveria, isto é, em repouso contemplando do espaço.

Desde pequena, minhas asas já se levantavam por qualquer coisa, mesmo quando tentava me concentrar para acompanhar minhas companheiras, que não sofriam desses desatinos de vôo. Às vezes, o céu muito arejado e limpo, no meio da tarde, me dá um azul por dentro e perco a razão facilmente. Todo o cuidado é pouco, pois afinal de tanto avoar posso me sucumbir ao peso do oxigênio rarefeito.

É um custo, é difícil segurar as asas, mas tenho tentado, vocês estão de prova. Isto faço para evitar que elas se quebrem, bem antes da hora. O espaço não deixa de ser uma armadilha, para os inconformados.



Artista: **Áureo Rosa**